

**PERFIL DOS PROFESSORES/TÉCNICOS DAS EQUIPES DE FUTSAL MASCULINO
DA CATEGORIA “A” DOS JOGOS ESTUDANTIS DA PRIMAVERA:
UM COMPARATIVO DOS ANOS DE 2013 COM O ANO DE 2015**

Mylena Aparecida Rodrigues Alves¹
Bruno Leonardo Kviatkovski²

RESUMO

Além de um formador desportivo, o professor/técnico é um formador educativo, ou seja, é um indivíduo que desempenha um papel essencial no desenvolvimento da aprendizagem e no rendimento esportivo do praticante. O objetivo da presente pesquisa foi investigar o perfil dos professores/técnicos de futsal masculino dos Jogos Estudantis da Primavera da cidade de Ponta Grossa-PR, nos anos de 2013 e 2015. Para tal foi utilizado um formulário de perguntas, juntamente com observações comportamentais. A amostra foi de 21 professor/técnico no ano de 2013, sendo 18 formados em Educação Física três sem formação ou com formação em outras áreas; 15 com algum tipo de remuneração e seis não obtiveram qualquer remuneração realizando o mesmo papel; em relação ao gênero, 18 foram homens e três foram mulheres. Já no ano de 2015 a amostra foi de 19 professor/técnico, todos formados em Educação Física; 16 com algum tipo de remuneração e três sem qualquer remuneração; em relação ao gênero 17 foram homens e duas mulheres. O que se configura como um fator motivacional na carreira de técnicos esportivos, não é exclusivamente o retorno financeiro, é o amor pela modalidade esportista trabalhada e a satisfação em formar atletas que os impulsiona a se dedicarem à carreira de professores/técnicos em competições estudantis.

Palavras-chave: Futsal. Professor/técnico. Perfil.

1-Mestranda em Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

2-Graduado em Educação Física, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

ABSTRACT

Coach profile of male futsal team from “A” category during the Spring Youth Games: A comparative between 2013 and 2015

Besides a coach, the professional is too a teacher, in other words, is an individual that action mainly in the growing of learning and in sports performance on athlete. The aim was investigated the profile of coaches of male futsal team during the spring youth games during the years of 2013 and 2015 in Ponta Grossa-PR. For that was used one inquiry form, in additional with a behavioral observation. The sample consisted of 21 coaches on year of 2013, this 18 were graduated in physical education and three not graduated or graduated in other area; 15 with some financial remuneration and six had not financial remuneration realizing the same work; 18 were men and three were women. In the year of 2015 the sample was 19 coaches, while graduated in physical education; 16 with same financial remuneration and three not financial remuneration; 17 were men and two were women. That mean a motivational factor on the sports coach career that not is specifically the money, and is the love to sports and the athlete’s development that encourages the coach in the school into in sports student competition.

Key words: Futsal. Coach in the School. Profile

E-mail dos autores:
mylena_cg@hotmail.com
brunokviatkovski@hotmail.com

Endereço para correspondência:
Mylena Aparecida Rodrigues Alves.
Rua: Comandante Paulo Pinheiro Schimidt, 310, ap. 12.
Uvaranas, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.
CEP: 84031-029.

INTRODUÇÃO

O professor/técnico é citado como o indivíduo que desempenha um papel essencial no desenvolvimento da aprendizagem e no rendimento esportivo do praticante (Paes e Oliveira, 2004).

Dessa forma, tal trecho ressalta a importância da profissão no processo evolutivo dos envolvidos em alguma modalidade esportiva.

Além de um formador desportivo, o profissional é um formador educativo e, segundo Jones (2006), para um treinador de formação ser considerado de excelência, deve apresentar as seguintes características: conhecimento do jogo, definição de objetivos, capacidade de planejamento, inteligência, liderança, capacidade de comunicação, motivação do jogador, sensibilidade, disciplina, respeito e autocontrole. Ainda, deve dispor das constantes inovações de diversas áreas, ou seja, o profissional tem a difícil tarefa de manter-se atualizado em todas as questões relacionadas ao indivíduo alvo (Bompa, 2002).

Sendo assim, ser professor/técnico de futsal por intermédio de uma formação exige atualmente o domínio de duas indispensáveis áreas: 1) o conhecimento do futsal geral (na parte técnica, tática e física) e 2) o conhecimento empírico da criança e do adolescente, no seu aspecto motor, cognitivo e principalmente afetivo. É neste sentido, dominando as duas áreas, que é possível detectar profissionais capazes de exercer a função de professor/técnico com excelência.

Vale destacar que, no futsal competitivo, os treinadores ou encarados como professores são designados em liderar suas respectivas equipes, desenvolvendo uma função importante na condução, assumindo, muitas vezes, um papel não apenas de professor/técnico, mas sim de auxiliar-técnico, preparador físico, preparador de goleiros e, em certos casos, como pais.

Convém expor que as equipes competitivas – como as de futsal – representam grupos sociais, nos quais o treinador desempenha a função de líder, que busca auxiliar os atletas a alcançarem objetivos e metas que proporcionarão resultados favoráveis dentro do esporte (Costa, 2003).

Em outro contexto, apesar da importância comprovada sobre os benefícios

da atividade física para a saúde na infância e na adolescência, estudos relatam um declínio no nível de tais práticas durante a adolescência e no início da idade adulta (Telama e Yang, 2000; Van Mechelen e colaboradores, 2000).

Dessa forma, é fundamental o conhecimento do motivo desse declínio, pois acredita-se que são vários os fatores interligados que, ao serem juntados, ocasionariam essa regressão.

Pesquisas realizadas sobre os fatores relacionados com o abandono de crianças e de adolescentes em modalidades esportivas vêm trazendo resultados importantes para um desfecho na condução de atletas/alunos e equipes, por professores/técnicos.

Assim, Hallal e colaboradores (2004), em seu estudo com 80 ex-atletas, com idade entre 11 e 14 anos, relatou os três principais fatores que levariam à desistência de atletas em atuarem como jogadores na modalidade de futsal: 1) o prejuízo nos estudos escolares; 2) a falta de apoio do técnico e 3) a dificuldade de relacionamento com o técnico.

Já nos estudos de Reis (2014), foi realizada uma única entrevista, no município de Canela-RS, com 20 adolescentes, entre 13 e 15 anos de idade.

Na análise, concluiu-se que os três principais fatores que levaram ao abandono do futsal nessa amostra foram: 1) monotonia dos treinos; 2) porque os colegas desistiram e 3) falta de apoio do técnico.

Nota-se que, os principais fatores do abandono na modalidade supracitada no público com idade entre 11 e 15 anos, dos seis quesitos expostos nos dois estudos, quatro estão relacionados diretamente aos professores/técnicos e um deles é mencionado em ambos os estudos (a falta de apoio do técnico).

Tal análise reforça, portanto, a ideia do quanto o papel de um professor/técnico influenciará na continuidade da criança e do adolescente na iniciação ao futsal.

Futsal

O Futsal é a versão indoor do futebol, que é oficialmente sancionado pelo organismo que rege o futebol internacional (FIFA) e caracteriza-se por ser um jogo esportivo coletivo (Castagna e colaboradores, 2009).

Nele, o desenvolvimento do processo de treinamento das modalidades pertencentes aos jogos desportivos coletivos exige o constante relacionamento do treinador com as informações nos mais diversos níveis, e com os conhecimentos desenvolvidos nas ciências do esporte (Balbino, 2005).

A saber, a preocupação com o técnico-tático nos treinos de futsal já é mencionada em estudos de Saad (2002), que mostram a necessidade de desenvolver "jogadores inteligentes". Além disso, o autor salienta que é preciso a busca pela diversidade de conteúdos e favorecer o processo integrado de ensino-aprendizagem-treinamento, referenciando às situações práticas do jogo.

Saad (2002) escreve em seus estudos que, nas categorias de base do futsal, o principal objetivo deve ser o aprendizado e aponta que temos hoje a utilização de um modelo tradicional, apoiado à metodologia do treinamento, própria do esporte de alto rendimento. O autor, em sua continuidade, refere-se à ideia de que é necessário o treinamento contínuo no processo de formação de jogadores, desde as categorias de base até as profissionais, ocorrendo, assim, duas diminuições: a da desistência de jovens atletas para com a modalidade e o declínio de atividade física entre as crianças e os adolescentes.

Outra forma para que esse objetivo seja alcançado é o profissional de Educação Física escolher uma metodologia de ensino adequada e apropriada ao nível de desenvolvimento de seus alunos, atendendo ao seus interesses e necessidades (Paes e Balbino, 2009).

Em contrapartida, um dos problemas existentes é a falta de preparação e de capacidade por parte dos integrantes das comissões técnicas.

Dessa forma, Bompa (2002) ressalta que o professor/técnico deve elaborar atividades que desenvolvam habilidades multilaterais, como corrida, saltos, movimentos de arremessar, de chutar, de rebater e de rolar, pois essas habilidades motoras fundamentais servirão de alicerce para que as crianças tenham sucesso na aprendizagem de habilidades específicas ou esportivas.

Jogos estudantis da primavera

A prática de esportes na infância e na adolescência aumenta a probabilidade de que o indivíduo se torne um adulto ativo (Tammelin e colaboradores, 2003).

Devido a isso, observou-se a importância da iniciação esportiva dentro das escolas e dos colégios no município de Ponta Grossa-PR.

Assim, com o apoio da Universidade Estadual de Ponta Grossa, todos os anos são realizados os Jogos Estudantis da Primavera (JEPS), visando o aumento da prática esportiva entre as crianças e os jovens da cidade e de outros municípios próximos. Contemplando sua 60ª edição, em 2015, tendo várias modalidades coletivas e individuais praticadas por adolescentes e por jovens, separados em categorias de idade e de gênero. As modalidades incluídas nos JEPs são: atletismo, basquetebol, futebol, futebol society, futsal, handebol, judô, natação, tênis de mesa, voleibol, vôlei de praia e xadrez.

Contudo, em uma busca na literatura acadêmica, o enfoque das pesquisas publicadas na área do futsal parece estar mais voltado para as variáveis da biomecânica, estratégica e fisiológica dos atletas, deixando escassas pesquisas que abordem, exclusivamente, os técnicos das equipes. Sabe-se que só é possível interligar essas variáveis por intermédio de um líder, no caso, um professor/técnico, o qual entra em cena como um solucionador de problemas existentes em um jogo.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa torna-se relevante quando se refere ao desenvolvimento dos professores/técnicos.

De tal forma, o objetivo dos estudos foi investigar o perfil dos professores/técnicos dos times de futsal na categoria A, considerada sub 14 dos Jogos Estudantis da Primavera da cidade de Ponta Grossa-PR, e apresentar uma comparação dos anos de 2013 e de 2015, utilizando um formulário e observações comportamentais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Como parte do intuito de exploração, as coletas dos dados foram realizadas por meio de um formulário, criado pelos próprios autores da presente pesquisa.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), o formulário é feito com o contato defronte entre pesquisador e pesquisado, constituindo-se em um roteiro de perguntas preenchidas pelo próprio pesquisador, no momento da entrevista.

A amostra, referente aos anos de 2013 e de 2015, obteve um total de 40 indivíduos intitulados como professores/técnicos de futsal de suas respectivas equipes, participantes dos Jogos Estudantis da Primavera, disputado na cidade de Ponta Grossa-PR, sendo 21 professores/técnicos do ano de 2013 e 19 professores/técnicos do ano de 2015.

Vale lembrar que as modalidades envolvidas nos JEPS são: atletismo, basquetebol, futsal, futebol, futebol society, handebol, judô, karatê, natação, tênis de mesa, voleibol, vôlei de praia e xadrez.

Em destaque, foi utilizada a modalidade do futsal masculino para a presente pesquisa, devido a ser aquela na qual ocorre maior número de jogos entre as equipes, ocasionando, assim, mais análises a serem realizadas.

Quanto ao formulário, ele foi preenchido de forma individual pelo próprio pesquisador, referente ao gênero, à profissão, à remuneração, ao treinamento semanal de cada professor/técnico, além de uma observação comportamental do profissional.

RESULTADOS

Em 2013, o Grupo 1 (sub 14) do futsal masculino obteve 36 equipes participantes,

totalizando 37 jogos até a final do campeonato. Já o ano de 2015, apresentou 39 equipes, totalizando 38 jogos até a final do campeonato.

Nota-se, nesse contexto, o aumento de jogos e das equipes participantes, tornando o evento citado como regular em suas edições.

A amostra, no ano de 2013, contou com 21 professores/técnicos responsáveis por suas equipes, em 19 instituições de ensino, sendo eles 85,71% (N= 18) formados em Educação Física e 14,29% (N= 3) sem formação ou com formação em outras áreas.

Em relação à remuneração, 71,43% (N= 15) contaram com algum tipo de remuneração por estarem fazendo o papel de professor/técnico da equipe e 28,57% (N= 6) não obtiveram qualquer remuneração realizando o mesmo papel. Já em relação ao gênero, 85,71% (N= 18) foram homens e 14,29% (N= 3) foram mulheres.

Os eventos de 2015 obtiveram 19 professores/técnicos responsáveis por sua equipe em 16 instituições de ensino distintas, sendo todos formados em Educação Física.

E, quanto à remuneração, 84,21% (N=16) dispuseram de algum tipo de remuneração por estarem fazendo o papel de professor/técnico da equipe e 15,78% (N= 3) cumpriram o mesmo papel sem qualquer remuneração.

Já em relação ao gênero 89,47% (N= 17) foram compostas por homens e 10,52% (N= 2) por mulheres. Como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 - Resultados do formulário (n=40).

Ano	Profissão		Remunerado		Gênero	
	Educação Física	Outras	Sim	Não	Mulher	Homem
2013 (n=21)	18	3	15	6	3	18
2015 (n=19)	19	0	16	3	2	17

Ao observar o comportamento de cada professor/técnico durante o jogo, verificou-se que a maioria deles orienta suas equipes com tranquilidade.

Em relação aos treinos semanais das equipes as quatro primeiras classificadas treinaram de duas a três vezes na semana, e as demais equipes treinaram em média uma vez na semana.

DISCUSSÃO

Um elemento a ser destacado é a formação profissional, a qual é de suma importância, porém, a continuidade do processo formativo, como cursos de especializações, palestras, aperfeiçoamento e pós-graduação é o segredo para o comodismo não se desenvolver.

Assim, a acomodação, a baixa remuneração, a falta de estrutura e a falta de materiais para se trabalhar, podem gerar fatores que estão diretamente ligados ao descaso dos professores de Educação Física com seus alunos (Silveira, 2002).

Nota-se, na tabela 1, que a formação passou de 85% dos professores/técnicos formados em Educação Física, no ano de 2013, para 100%, no ano de 2015, ou seja, em dois anos todos os profissionais que conduziram suas respectivas equipes estavam devidamente formados e autorizados pelo CREF (Conselho Regional da Educação Física), mesmo naquelas equipes em que se envolviam dois professores/técnicos no comando.

Tais achados são considerados um avanço positivo para o JEPS, devido à competição estar de acordo com a Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998, em relação aos técnicos das equipes. Vale destacar que a lei decreta em seu 1º Art o seguinte: “o exercício das atividades de Educação Física e a designação de Profissional de Educação Física é prerrogativa dos profissionais regularmente registrados nos Conselhos Regionais de Educação Física” (Brasil, 1998).

Assim, em uma competição, não é obrigatório portar em seu regulamento geral os representantes técnicos com os registros ativos, conforme a Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998.

A obrigatoriedade, portanto, é apenas de que os técnicos estejam inscritos e credenciados em suas respectivas instituições de ensino, como representa o Art 39º do regulamento geral dos JEPS: “Somente poderá dirigir a equipe desportiva, tanto nas modalidades coletivas, quanto nas individuais, os responsáveis técnicos devidamente inscritos e registrados pelo estabelecimento de ensino que apresentarem antes do início da partida, documento oficial de identificação com foto e que goze de fé pública (Carteira de Identidade, Passaporte, Carteira de Trabalho, Carteira de Motorista, Registro Profissional)”. (Jogos Estudantis da Primavera, 2016).

Em relação à remuneração dos professores/técnicos da amostra no ano, a tabela 1 exibe uma diminuição nos profissionais não remunerados, passando de 28,57%, em 2013, para 15,78%, em 2015.

Nesse sentido, o quesito citado impulsiona os profissionais a trabalharem com

suas equipes e a melhora está ligada à sua formação, a qual exige tempo, dedicação e dinheiro gasto, então, nada mais justo que o retorno financeiro venha.

Em contrapartida, as bolsas ou salários para técnicos esportivos na presente amostra ainda são fatores a serem estudados com mais detalhes, pois, em suas entrevistas, não houve entusiasmo da parte desses profissionais ao se pronunciarem sobre a remuneração por esse trabalho. Isso se configura como um fator motivacional na carreira de técnicos esportivos, ou seja, não é exclusivamente o retorno financeiro, é o amor pelas modalidades esportivas e a satisfação em formar atletas que os impulsiona a se dedicarem à carreira de professores/técnicos em competições estudantis.

Nota-se que, no âmbito do futsal masculino, mais especificamente na categoria sub 14 do JEPS, os ditos técnicos são em sua grande maioria do gênero masculino, totalizando mais de 85% da presente amostra. E, uma justificativa para tal realidade é que a maioria das técnicas se limitam aos esportes que se dizem adequados a elas, como exemplo, as ginásticas e o nado sincronizado. Então, devido a essa restrição, fica resguardada a popularidade masculina no esporte (Ferreira e colaboradores, 2013), a qual não trata somente da variável quantitativa, mas de uma cultura enraizada no esporte.

Os estudos de Acosta e Carpenter (1994) destacam as causas percebidas que contribuem com a pequena atuação feminina no comando esportivo, entre as principais: o sucesso da rede de contatos masculina, o fracasso da rede de contatos feminina, o pouco amparo de programas e de políticas para mulheres, a discriminação no processo de contratação e o esgotamento emocional profissional entre as mulheres. Os autores, portanto, salientam que todas essas influências podem ocasionar o abandono da carreira.

Em contrapartida, os técnicos, supostamente masculinos, elencaram alguns fatores dessa diferença: a falta de mulheres qualificadas para o cargo, a ineficiência das mulheres em serem oportunistas ao trabalho, os conflitos burocráticos, o tempo aplicado para a família, e por serem mais frágeis, ocasionando a desistência da profissão.

Vale destacar que esses achados foram descritos em meados da década de 1990, por Acosta e Carpenter (1994), já em pesquisa mais recentes, a baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas ainda é bem inferior se comparada com os homens.

Por meio do levantamento realizado por Ferreira e colaboradores (2013), das 259 federações esportivas do Brasil, 185 delas não apresentam mulheres como técnicas cadastradas. E, das 22 modalidades levantadas na pesquisa, apenas 7% dos técnicos esportivos são mulheres. A partir disso, a autora e seus colaboradores concluíram que as razões associadas a baixa representação feminina no cargo como técnico esportivo são: 1) barreiras enfrentadas pelas técnicas; 2) dificuldade de ascensão na carreira; 3) aceitação da exclusão feminina; 4) falta de mulheres com perfil para o cargo e 5) desistência da carreira.

Ainda, ao observar o comportamento de cada professor/técnico no momento do jogo, verificou-se que a maioria deles orienta suas equipes com tranquilidade.

Pode-se ressaltar que os treinos semanais das equipes são importantes, pois os quatro primeiros colocados treinaram de duas a três vezes na semana, e as demais equipes treinaram em média uma vez na semana.

Observa-se, dessa maneira, que a variável no número de treinos semanais pode interferir no desempenho da equipe em competições estudantis.

CONCLUSÃO

Nesse contexto, analisando os resultados obtidos na presente pesquisa, conclui-se que ainda existem treinadores sem remuneração por sua ocupação, as bolsas de auxílio pago aos treinadores nas instituições públicas de ensino e os salários para técnicos esportivos são fatores a serem estudados com mais detalhes, pois, nas entrevistas, não houve entusiasmo ao responderem sobre a remuneração vinda por treinarem equipes em nível estudantil nas instituições da amostra.

Assim, o que se configura como um fator motivacional na carreira de técnicos esportivos, não é exclusivamente o retorno financeiro, é o amor pela modalidade esportista trabalhada.

Nesse sentido, é a satisfação em formar atletas que os impulsiona a se dedicarem à carreira de professores/técnicos em competições estudantis.

Em destaque vem a formação profissional dos representantes técnicos das equipes nos Jogos Estudantis da Primavera – Ponta Grossa-PR, que foi a variável com melhor mudança do ano de 2013 para o ano de 2015.

Diante disso, na presente pesquisa e conforme consta na literatura, a inserção de mulheres como técnicas esportistas é um tema a ser explorado na modalidade do futsal, tanto no masculino quanto no feminino.

Ademais, foi observado que a variável número de treinos semanais pode interferir no desempenho da equipe em competições estudantis.

REFERÊNCIAS

- 1-Acosta, V.; Carpenter, L. The Status of women in intercollegiate athletics. In Birrel, S.; Cole, C. Women, sport and culture. Champaign. Human Kinetics. 1994. p.111-118.
- 2-Balbino, H.F. Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas. 2005.
- 3-Bompa, T. O. Periodização: Teoria e metodologia do treinamento. São Paulo. Phorte. 2002.
- 4-Brasil. Lei n.º 9.696 de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de educação física e cria os respectivos conselho federal e conselhos regionais de educação física. Conselho Federal de Educação Física. Brasília DF, 2 set. 1998. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=46>. Acesso em: 07/03/2017.
- 5-Castagna, C.; D'ottavio, S.; Vera, J. G.; Álvarez, J.C.B. Match demands of professional futsal: A case study. Journal of Science and Medicine in Sport. Vol. 12. Num. 4. 2009. p.490-494.
- 6-Costa, V.T. Análise do perfil de liderança atual e ideal de treinadores de futsal de alto

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

rendimento, através da escala de liderança no desporto (ELD). Dissertação de Mestrado. UFMG. Minas Gerais. 2003.

7-Ferreira, H.J.; Salles, J.G.C.; Mourão, L.; Moreno, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. Movimento. Vol. 19. Num. 3. 2013. p.103-124.

8-Hallal, P.C.; Nascimento, R.R.; Hackbart, L.; Rombaldi, A.J. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. Revista brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 12. Num. 3. 2004. p.27-32.

9-Jogos Estudantis da Primavera - JEPS. Regulamento Geral. Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Coordenadoria de Desportos e Recreação. 2016. Disponível em: <<http://www.jogosprimavera.com.br/files/2016/61jeps-regulamento.pdf>>. Acesso em: 8/03/2017.

10-Jones, R. The sports coach as educator: Re-conceptualising sport coaching. Londres. Routledge. 2006.

11-Lakatos, E.M.; Marconi, M.A. Fundamentos de metodologia científica. 5ª edição. São Paulo. Atlas. 2003.

12-Paes, R.; Oliveira, A.M.A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital. Buenos Aires. Ano. 10. Num. 71. 2004.

13-Paes, R.R.; Balbino, H.F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In De Rose, D.; e colaboradores. Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre. Artmed. 2009.

14-Reis, C.A.M. Análise dos fatores determinantes para o abandono de adolescentes no futsal. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. Vol. 6. Num. 19. 2014. p.45-50. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/246/212>>

15-Saad, M.A. Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal. Dissertação de Mestrado. UFSC. Santa Catarina. 2002

16-Silveira, J. A Educação Física escolar nas Escolas públicas e os seus conteúdos: uma análise sobre a postura dos educadores acerca de seu campo de trabalho. Encontro Fluminense em Educação Física. 2002.

17-Tammelin, T.; Nayha, S.; Hills, AP.; Jarvelin, M.R. Adolescent participation in sports and adult physical activity. American Journal of Preventive Medicine. Vol. 24. Num. 1. 2003. p.22-28.

18-Telama, R.; Yang, X. Decline of physical activity from youth to young adulthood in Finland. Medicine and Science in Sports and Exercise. Vol. 32. Num. 9. 2000. p.1617-1622.

19-Van Mechelen, W.; e colaboradores. Physical activity of young people: the Amsterdam Longitudinal Growth and Health Study. Medicine and Science in Sports and Exercise. Indianapolis. Vol. 32. Num. 9. 2000. p.1610-1616.

Recebido para publicação em 28/03/2017
Aceito em 20/05/2017